

# **GRAVIDADE E A METÁFORA DO (RE)NASCIMENTO: LETRAMENTO VISUAL E MULTIMODALIDADE \***

Marina Morena dos Santos e Silva (Universidade Federal de Minas Gerais)

**RESUMO:** Este trabalho consiste em uma análise da metáfora do (re)nascimento no filme *Gravidade* (2013), demonstrando como o Letramento Visual e o estudo das metáforas não verbais tornam-se relevantes para a análise da construção de significado no cinema. O objeto de pesquisa é, portanto, a imagem cinematográfica e, conseqüentemente, suas metáforas enquanto modo de comunicação. Espera-se demonstrar que as imagens de nosso cotidiano não apenas constroem a realidade, mas também se relacionam com o contexto histórico social e cultural no qual se inserem e podem ser usadas, inclusive, para a manipulação de diferentes interpretações. Em *Gravidade* (2013), sua temática principal e a metáfora do (re)nascimento emergem de forma sutil através das imagens e dos diversos recursos multimodais explorados ao longo da narrativa. É preciso, portanto, considerar a imagem, a multimodalidade e o uso de diferentes mídias e tecnologias no processo de significação do filme.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metáfora. Imagem. Cinema. Multimodalidade. Letramento Visual.

## **INTRODUÇÃO**

O uso recorrente e efetivo das imagens em nosso cotidiano evidencia, como aponta Joly (2006), que para melhor compreender as imagens, é preciso analisá-las detalhadamente. Através dos conceitos da semiótica e dos estudos, principalmente, de Pierce, Joly (2006) afirma que as imagens possuem uma estrutura comum, por serem caracterizadas como uma subcategoria do conceito de ícone e por, portanto, manterem uma relação de analogia com aquilo que representam. As imagens seriam, então, sinônimo de representações visuais e, embora heterogêneas, uma imagem seria “antes de mais nada *algo que se assemelha a outra coisa* [...] Se ela parece é porque ela não é a própria coisa; sua função é, portanto, evocar, querer dizer outra coisa que não ela própria, utilizando o processo da semelhança” (JOLY, 2006, p. 38-39, grifos no original). Enquanto signo, a imagem irá reunir e coordenar diferentes elementos essenciais para a sua interpretação: diferentes categorias de signos e de signos plásticos (cores, formas, texturas, etc.) e é a relação e interação desses elementos que produz sentido nas imagens. A partir da análise desses elementos, conseguimos decifrar, observar e investigá-las melhor. Contudo, como aponta a autora, as imagens possuem regras de construção que são construídas, moldadas e interpretadas de acordo com o nosso meio sociocultural.

Para Rose (2001), a imagem é feita e utilizada de maneiras distintas de acordo com quem a produz ou a utiliza, sendo seus efeitos mediados por seus diferentes usos e encaixados em práticas culturais. Logo, é preciso que tenhamos uma abordagem crítica, que leve a imagem a sério e pense sobre suas condições sociais e efeitos de significação. Uma abordagem que não seja apenas descritiva, mas que dê ênfase à composição e, principalmente, aos efeitos dos significados dessas imagens. Ainda, segundo Oliveira (2007), as imagens não falam por si só, são frutos de nossas escolhas e, assim como as metáforas, são direcionadas pelo modo como pensamos. Contudo, embora se tenha consciência da importância da

---

\* XIII EVIDOSOL e X CILTEC-Online - junho/2016 - <http://evidosol.textolivre.org>

construção de sentido a partir de imagens, poucos pesquisadores se dedicam a esse tema, especialmente, quando se trata de figuras de linguagem. Os estudos sobre as metáforas, por exemplo, concentram-se na linguagem verbal e ignoram a metáfora no nível imagético, o que, para Forceville (2010), é um erro, pois se buscamos compreender determinada cultura, as informações nas formas não verbais precisam ser estudadas.

## **1. METÁFORAS E MULTIMODALIDADE**

Desde a antiguidade, a metáfora tem sido objeto de estudo de diversas áreas como a Filosofia, a Psicologia e a Linguística. Contudo, há poucas décadas apenas, a metáfora passou a ter, como apontam Zanotto et al. (2002), seu valor cognitivo reconhecido e deixou de ser entendida como um ornamento linguístico, mas sim um componente essencial do modo como, cotidianamente, conceptualizamos e entendemos o mundo que nos cerca. De acordo com Lakoff e Johnson (2003), a metáfora baseia-se em correlações entre dois domínios distintos de nossa experiência que, ao ocorrerem simultaneamente, dão origem a semelhanças percebidas entre esses domínios. Já, para Kövecses (2005), a metáfora seria um fenômeno linguístico, conceptual, sociocultural, neural e corpóreo, existindo em todos esses níveis ao mesmo tempo e, portanto, parte inerente da cultura.

Desse modo, as metáforas não se restringem apenas ao verbal, mas também se manifestam em outros modos, como o modo imagético, bem como na combinação de dois ou mais modos. Forceville (2010) define as metáforas como sendo monomodais ou multimodais. As metáforas monomodais seriam aquelas em que ambos os elementos são apresentados em um único modo. Já as metáforas multimodais, em pelo menos dois modos distintos. Dentre os tipos de metáfora não verbal, destaca-se a metáfora visual, ou metáfora pictórica, que seria um tipo de metáfora monomodal, em que tanto o domínio alvo quanto o domínio fonte são apresentados em termos visuais. As metáforas visuais, de acordo com Forceville (2008), podem ocorrer tanto em imagens estáticas quanto em imagens em movimento e a semelhança pode ser criada, por conseguinte, pelo ângulo, posição, movimento, dentre outros recursos. Diversos exemplos de metáforas visuais e metáforas multimodais são encontrados no cinema e evidenciam que uma investigação sobre a metáfora visual ou a metáfora multimodal pode ajudar, como aponta Forceville (2008), não apenas no desenvolvimento de uma teoria da metáfora mais consistente, mas também nos estudos sobre a retórica da imagem, a retórica visual, o letramento visual e o discurso multimodal.

## **2. O CINEMA: LETRAMENTO VISUAL E ESTUDO DAS METÁFORAS**

O Letramento Visual, para Ferraz (2014) é um importante campo de estudo dentro das novas demandas que enfrentamos como educadores, por problematizar o estudo das imagens e repensá-las como processos de produção de significados, ampliando perspectivas, interpretações e o conhecimento sobre determinado assunto. Silvino (2014, p. 168) advoga que o Letramento Visual é “a leitura competente de imagens nas práticas sociais (ROCHA, 2008), é a capacidade de ver, compreender e, finalmente, interpretar e comunicar o que foi interpretado através da visualização”. Assim sendo, segundo a autora, o letrado visual reúne as informações e ideias contidas em um determinado espaço imagético e determina quais informações são válidas para a construção de significado, naquele contexto, e quais as intenções daquela imagem.

Estudos que abordem o Letramento Visual fazem-se necessários e Ramos (2001) advoga o cinema como um campo rico e complexo para este fim, já que este é o principal

universo narrativo de nosso século. Giroux (2002) corrobora ainda os filmes como elementos cruciais na cultura visual, pois demonstram novas formas de letramento, empregam novas formas de pedagogia e ainda exemplificam uma política na qual a cultura acaba se tornando uma ferramenta poderosa na atualidade. Desse modo, estudar os filmes justifica-se, para o autor, não apenas pelo uso das novas tecnologias e pela abordagem da linguagem em seus diversos níveis, mas, principalmente, pelas informações e ideologias que ali circulam. O cinema pode e deve ser usado, por conseguinte, não apenas como fonte de entretenimento, mas também como fonte de conhecimento.

### **3. GRAVIDADE: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA IMAGEM**

*Gravidade* (2013) é um filme de Alfonso Cuarón que ganhou bastante destaque na mídia por ter sido indicado ao Oscar 2014 de melhor filme, melhor direção, melhor atriz e categorias mais técnicas como melhor trilha sonora, melhor edição de som, melhor fotografia e melhores efeitos visuais, vencendo em sete das dez categorias indicadas. O filme conta a história da engenheira Ryan Stone (Sandra Bullock), que parte em uma missão espacial para reparar o telescópio Hubble. Enquanto Stone está em sua primeira missão, sem experiência alguma e apenas pouco tempo de treinamento, seu colega Matt Kowalski (George Clooney) é um astronauta experiente que está na sua última missão antes da aposentadoria. Na tentativa de reparar o telescópio, no entanto, a equipe é atingida por destroços espaciais, o que faz com que eles sejam jogados no espaço. Sem comunicação com a NASA, Kowalski e Stone, os únicos sobreviventes do acidente, precisam se esforçar para retornar ao planeta Terra.

*Gravidade* (2013) não é, contudo, apenas um filme de ação ou ficção científica com cenas exageradas, mas sim uma reflexão sobre a existência e a fragilidade humana, apresentada através do sofrimento da personagem interpretada por Sandra Bullock. Stone enfrenta a perda precoce de sua filha e, imersa em sofrimento e dor, precisa aprender a lidar com suas emoções e com as adversidades que lhes são apresentadas para redescobrir a vontade de viver. Esses temas, assim como a metáfora do (re)nascimento no filme, emergem, sutilmente, através das imagens e dos diversos recursos multimodais explorados ao longo da narrativa. É preciso, portanto, considerar a imagem, a multimodalidade e o uso de diferentes mídias e tecnologias no processo de significação do filme. É preciso, portanto, um letramento visual, já que, como aponta Ferraz (2014), os aspectos visuais são não apenas considerados, mas também questionados na criação dos significados – o que acontece na obra.

Partindo deste pressuposto, já na capa de divulgação do filme, Figura (1), há a frase “não se entregue” e a imagem da astronauta solta na imensidão do espaço, que juntos metaforizam a fragilidade humana perante a vida e trazem a ideia de superação. O elo que conecta a vida é, por diversas vezes, no filme, representado pelo tubo de oxigênio, que visualmente lembra um cordão umbilical – nosso primeiro elo com outra pessoa e aquilo que nos possibilita viver. Logo, essa imagem nos remete ao esquema imagético de LIGAÇÃO, que, de acordo com Lakoff (1987), nos ajuda no entendimento e na conceptualização de nossos relacionamentos interpessoais. Em uma cena do filme, Kowalski, em uma tentativa de manter Stone viva, corta o cordão que os liga, dizendo que ela precisa “deixar ir”, ou seja, precisa se desprender, possivelmente, da dor, do sofrimento, da depressão que a acompanham com a morte da filha e lutar pela vida. Logo, o cordão arrebitado reforçam a imagem da solidão e a possibilidade da morte. A personagem Stone precisa ao mesmo tempo superar o rompimento deste elo, com sua filha, do mesmo modo que precisa superar o fato de estar agora sozinha no espaço. É preciso esquecer e superar a morte para partir em busca da vida, de sua própria vida. Assim, no processo de superação da personagem quanto à morte da filha

ela terá que passar por um processo de (re)nascimento, que é metaforizado visualmente em três momentos do filme.

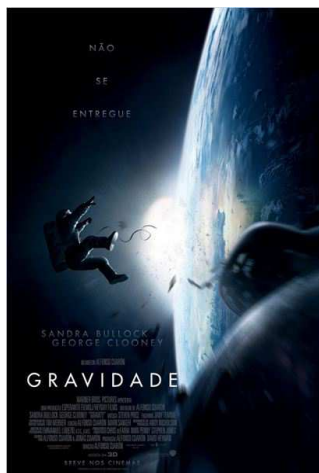


Figura 1: *Gravidade*. Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-178496/fotos/detalhe/?cmediafile=21023259>. Acesso: 14/03/2016.

Em um primeiro momento, ao ser resgatada por seu colega Kowalski, após serem atingidos pela primeira vez pelos destroços, nos é apresentada a primeira imagem para esta metáfora. Stone é lançada e fica à deriva, o que causa grande desespero, que é, no filme, reforçado pelos modos visual e sonoro. Temos a visão de dentro de seu capacete e o contraste entre a ausência de som, no espaço, e a sua respiração ofegante. Estes sons diegéticos, assim como a trilha sonora, que aumenta e diminui de acordo com as ações, aumentam a tensão e reforçam a emoção da personagem. Quando Kowalski consegue segurá-la e os dois tentam chegar a uma estação próxima, temos a imagem dos dois astronautas, próximos à Terra, como se fossem um espermatozoide no momento da fecundação. Os dois são apresentados bem pequenos com uma cauda que é novamente, na verdade, o cabo de suas roupas, e parecem se aproximar da Terra de tal forma que mais nos lembram um óvulo sendo fecundado, com o já observado por Carnelos (2013). Tal associação só é possível no nível imagético e por causa de nosso conhecimento prévio, e claro visual, do momento em que o espermatozoide entra no óvulo. Embora esta metáfora visual seja apresentada de forma bem sutil, o renascimento da personagem é reforçado quando Stone novamente se vê sozinha. Ao perder o colega, que em um ato heroico se suicida, e entrar em uma estação russa, Stone é apresentada em uma posição fetal, Figura (2), representando novamente o processo de (re)nascimento da personagem. Assim, após a fecundação, como apontado por Carnelos (2013), temos então a gestação. Esta metáfora é apresentada no nível imagético, pois a posição da personagem, assim como o cabo, que é enquadrado na cena como um cordão umbilical, é que permitem a emergência desta metáfora, que também foi observada e discutida por Aquino (2013), Majadas (2013) e Picheth (2013).

Este (re)nascimento é ainda corroborado pelas ações que se seguem, já que a astronauta começa de agora em diante a fazer de tudo para conseguir sobreviver, saindo daquele estado de incredulidade em que se encontrava. Ela sai da estação russa e tenta chegar à chinesa, para que possa dar início a sua reentrada na Terra. É interessante explicitar que no momento em que a personagem decide tentar fazer a viagem de volta a Terra, a imagem de um santo aparece na estação russa. Trata-se de São Cristóvão, um santo conhecido como o padroeiro dos viajantes e peregrinos, ou seja, das pessoas que vão fazer uma jornada. Adiante, já na estação chinesa, há a imagem de Buda, símbolo do despertar espiritual e da salvação e mais uma evidência para a metáfora do renascimento, segundo Carnelos (2013).

Logo, estas imagens e símbolos nos remetem ao estado da personagem, que retoma a consciência e desperta para sua decisão: (sobre)viver.



Figura 2: Metáfora visual para o (re)nascimento. Fonte: <http://www.cinemaqui.com.br/wp-content/uploads/2013/10/gravidade-still-2.jpg>. Acesso: 14/03/2016.

Por fim, a última cena, Figura (3), corrobora e conclui o processo de (re)nascimento, como também apontam Carnelos (2013) e Majadas (2013). Stone consegue finalmente chegar à terra firme e precisa, como uma criança recém-nascida, (re)aprender a respirar e (re)aprender a andar. Quando chega, cai na água, que, de acordo com o *Dicionário de Símbolos* (online), simboliza a fertilidade, a fecundidade e, portanto, a origem da vida, bem como a transformação e a força – exatamente como a personagem regressa. Ademais, sua transformação é vista já no posicionamento da câmera. Stone não é mais representada pequena perante os outros, como quando no espaço, mas sim em um ângulo mais baixo, o que faz com que, de acordo com Kress e van Leeuwen (1996), seja representada como alguém forte, superior.



Figura 3: Cena final. Fonte: <http://3.bp.blogspot.com/-pJ-B4oxSxNA/Ve9zMO5LuuI/AAAAAAAAAHs/IaiLhoUr6zQ/s1600/gravity-6.jpg>. Acesso: 14/03/2016

O contexto do espaço serve, portanto, como cenário para uma narrativa muito maior, proporcionada pelas imagens, sons, metáforas, dentre outros elementos, do filme. *Gravidade* (2013) é um filme sobre perda e superação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscarmos investigar e discutir os significados atribuídos às imagens de um filme, como em *Gravidade* (2013), fica evidente a necessidade de não apenas tratarmos os recursos imagéticos – fundamentais para os textos multimodais – e suas especificidades, mas também promovermos uma oportunidade de reflexão quanto ao discurso construído através destas imagens, questionando seu papel em nosso contexto sociocultural. Temos, assim, a oportunidade de, através do uso de filmes, praticarmos uma abordagem mais crítica da imagem. Os filmes, como aponta Giroux (2002), por estarem profundamente imbricados dentro das relações de poder que permeiam nossa sociedade, desempenham um papel importante quanto à formação das identidades, dos valores e das práticas sociais que caracterizam uma cultura na qual os meios eletrônicos e as formas visuais parecem constituir ferramentas educacionais poderosas e devem, portanto, ser usados investigados.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, A. Gravidade e a simbologia do nascimento às avessas. [Blog] 21 de out. 2013. Disponível em: <http://andreaquino.tumblr.com/post/64718023724/gravidade-e-a-simbologia-do-nascimento-%C3%A0s-avessas>. Acesso: 14 mar. 2016.
- CARNELOS, L. Gravidade (2013), de Alfonso Cuarón. [Blog] *Art Perceptions*, 26 de out. 2013. Disponível em: <http://www.artperceptions.com/2013/10/gravity-2013.html>. Acesso em: 15 mar. 2016.
- DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. 7 Graus, 2008-2016. Disponível em: <http://www.dicionariodesimbolos.com.br/>. Acesso em: 14 mar. 2016.
- FERRAZ, D. M. VISUAL LITERACY: the interpretation of images in English classes. *Revista Eventos Pedagógicos*, v.5, n.1 (10. ed.), p. 16-28, jan./maio 2014.
- FORCEVILLE, C. *A Course in Pictorial and Multimodal Metaphor*. 2010. Disponível em: <http://semioticon.com/sio/courses/pictorial-multimodal-metaphor/> >. Acesso em: 09 jul. 2012.
- \_\_\_\_\_. Metaphor in Pictures and Multimodal Representations. In: GIBBS, Raymond. *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. New York: Cambridge University Press, 2008. p. 462-482.
- GIROUX, Henry A. Breaking in to the movies: An introduction. In: \_\_\_\_\_. *Breaking in to the movies: Film and the culture of politics*. Malden, MA: Blackwell Publishers, 2002. p. 1-16.
- GRAVIDADE. Direção: Alfonso Cuarón. Intérpretes: Sandra Bullock e George Clooney. Roteiro: Alfonso Cuarón, Jonás Cuarón. 2013. DVD (91 min).
- JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. 10ª ed. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2006.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor in Culture: universality and variation*. New York: Cambridge University Press, 2005. 314p.
- KRESS, G.; LEEUWEN, T. *Reading Images: the Grammar of the Visual Design*. London: Routledge, 1996.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987. 614p.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. 2.ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2003
- MAJADAS, R. Gravidade, de Alfonso Cuarón: do Útero ao Renascimento. [Blog] *A gambiarra*, 16 out. 2013. Disponível em: <https://www.agambiarra.com/gravidade-de-alfonso-cuaron-do-utero-ao-renascimento/>>. Acesso: 15 mar. 2016.
- OLIVEIRA, S. Explorando o texto visual em sala de aula. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v.46, n.2, p. 181-197, 2007.
- PICHETH, C. Gravidade e a Metáfora do Renascimento. [Blog] *Serial Cookies*, 18 set. 2013. Disponível em: <http://laoa.serialcookies.com.br/2013/10/18/gravidade-e-a-metáfora-do-renascimento/>> Acesso em: 14 mar. 2016.
- RAMOS, Fernão Pessoa. O lugar do cinema. In: V Encontro SOCINE, 2001, PUC/ Porto Alegre. Estudos de Cinema ano III - SOCINE. Porto Alegre: Sulina, 2001. p. 35-49.
- ROSE, G. *Visual Methodologies – An Introduction to the Interpretation of Visual Materials*. London: SAGE Publications Ltd, 2001.
- SILVINO, Flávia Felipe. Letramento Visual. *Texto Livre*, v. 7, n. 1, 2014, p. 167-170.
- ZANOTTO, M. S. T. et al. Apresentação à Edição Brasileira. In: LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da Vida Cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 9-37.